

A

# JOSÉ ESTEVÃO

VERSOS

DE

BULHÃO PATO

bibRIA



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

RUA DOS CALAFATES, 440

—  
1866

61750

JOSE ESTEVÃO

VERSOS

DE

BULHÃO PATO  
bibRIA

75 BULHÃO PATO - BIBRIA

1980

1980

bibRIA

A

# JOSÉ ESTEVÃO

VERSOS

DE

BULHÃO PATO

bibRIA



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

RUA DOS CALAFATES, 110

—  
1866

JOSE ESTEVAO

**bibRIA**

LIBRARY  
LONDON  
1981

## ADVERTENCIA

Escrevi estes versos para serem recitados em Aveiro, onde o grande orador abriu os olhos, e onde hoje repousa no mesmo chão em que descança o pae, aquelle honrado varão de Plutarcho, que se chamava Luiz Cypriano.

José Estevão está alli bem, ao pé dos que tanto amou, que ainda vivem, e ao lado de seu pae, que partilha, como elle, do profundo somno da morte.

A pomba que vem esvoaçar por entre os cyprestes, que dão sombra á sepultura, é a filha do admiravel improvisador, aquella Joanninha, anjo que no berço se assustou com as tristezas da terra, e bateu as azas fugindo para o seio de Deus!

Publicando estes versos, tributo humilde, mas sincero e de muita saudade, á memoria do notavel genio, aproveito a occasião para agradecer ao primeiro poeta que hoje temos haver espontaneamente publicado, na sua sentidissima carta em resposta ao meu amigo Freitas d'Oliveira, os alexandrinos que apparecem n'esta breve composiçãõ, assim como as palavras de benevolencia que me dirigiu.

Lisboa, 16 de fevereiro de 1866.

**bibRIA**

BULHÃO PATO.

A

**JOSÉ ESTEVÃO**



bibRIA

A

## JOSÉ ESTEVÃO

Ei fu.....

MANZONI. *Il Cinque Maggio.*

# bibRIA

Eil-o junto de nós dormindo o somno eterno.  
Na terra emfim descança ao pé do chão paterno:  
Ao pae que tanto amor em vida lhe votou  
Tambem na sepultura agora se abraçou.  
Quando ao romper do sol alegre o céu rebrilha,  
Como anjo tutelar desce do Empyreo a filha;  
Bate as azas gentis por entre o cyprestal,  
E solta hymno inspirado ao somno paternal.  
Quem constante lidou, desde a mais tenra idade,  
Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,  
Quando é chegada a hora e deixa a terra emfim,  
Á entrada do outro mundo encontra um seraphim.

## II

E quem pois o amor da patria  
Com vehemencia egual sentiu,  
Qual o peito onde surgiu  
Mais ardente hoje esse amor ?  
Quem, como elle, n'um só gesto,  
Quando a turba se atropela,  
Quebra as ondas da procella  
Resistindo ao seu furor ?

E se a mão da prepotencia  
Procurava erguer-se alliva,  
Quem mais prompta e quem mais viva  
Tinha sempre a inspiração ?  
Era ouvil-o ouvir a patria,  
Quando exclama na anciedade :  
« Liberdade, oh ! liberdade ! »  
Com a voz do coração.

Ah ! no exilio, quantas vezes,  
Afogada entre gemidos,  
Murmurára a seus ouvidos  
A voz do paiz natal !  
E ouvindo-a sua alma, em impetos  
Do mais sincero heroismo,  
Sonhava em transpôr o abysmo  
E libertar Portugal !

Então a graciosa aldêa,  
O val coberto de olmeiros,  
Os ingenuos companheiros  
De seus jogos infantis,  
Tudo aos olhos lhe sorria,  
Matisado por mil côres,  
Montes, valles, prados, flores,  
Céo e luz do seu paiz !

Rompe um dia aurora esplendida,  
O tambor toca a rebate,  
No mais fero do combate  
Entra, luta, conquistou !  
Conquista dos proprios lares !...  
Mas do campo afasta a vista,  
Por que emfim n'essa conquista  
Sangue de irmãos se espalhou !

Era assim : tinha lutando  
No olhar o fogo supremo,  
Na voz o poder extremo  
Que arrebatava a multidão ;  
Desafiando o inimigo,  
Entre as nuvens da metralha,  
Era um tigre na batalha,  
Na victoria — era um irmão !

## III

Termina a luta fervida,  
Cae na bainha a espada,  
Retorna aos lares placidos  
Da terra sua amada,  
D'esta que berço e tumulo  
Do grande genio foi !  
Se nos assaltos bellicos  
Distincto era o soldado,  
Acções inda mais validas  
Lhe destinara o fado :  
Desprende a voz, e a patria  
Sanda um novo heroe !

Quando se abatem animos,  
Medindo a luta immensa,  
Quando n'alguns espiritos  
Já desfallece a crença,  
Surge imponente e mostra-lhes  
Raia nova manhã !  
É porque o genio esplendido,  
Que a liberdade inspira,  
É como a voz prophetica,  
Que outr'ora dirigira  
Do Egypto um povo misero  
Á fertil Canaan !

Quando com olhos avidos,  
Em torno a nós medimos  
A industria, o bem, a gloria,  
Em tudo, enfim, sentimos  
Que dera impulso maximo  
Seu sopro animador !  
Não raro correm lagrimas  
De uma saudade infinda !...  
Quanto não fez !... quantissimo  
Tivera feito ainda,  
Se o não roubasse subito  
A morte ao nosso amor !

## IV

Dorine junto de nós, dorme teu somno eterno  
Na terra a que votaste o santo amor fraterno.  
Ao declinar da tarde, ao rebrilhar do sol,  
Na hora em que descante occulto rouxinol,  
Virá tambem do empyreo, alegre philomela,  
A tua ingenua filha, a pomba alva e singela,  
Esvoaçar gentil por entre o cyprestal,  
Soltando hymno inspirado ao somno paternal ;  
Por que, enfim, quem lidou desde a mais tenra idade,  
Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,  
Quando é chegada a hora, e deixa a terra enfim,  
À entrada do outro mundo encontra um seraphim.

Fevereiro, 5 — 1866.

BULHÃO PATO.